

O Santuário de Nossa Senhora de Aires: arte e devoção

Raquel Alexandra Seixas¹

1. Nota Prévia

Antes de dar início à minha apresentação gostava de dirigir uma palavra de agradecimento à organização, em especial à Dra. Fátima Farrica, não só pelo convite endereçado mas também pelo apoio prestado durante a minha investigação de mestrado. Aproveito também para agradecer à Biblioteca de Viana do Alentejo toda a amabilidade e prontidão concedida na digitalização de vários documentos e ao arquitecto Sérgio Godinho pela entrega das plantas arquitectónicas do Santuário de Nossa Senhora de Aires.

Esta apresentação expõe uma pequena parte da minha investigação de mestrado, a ser entregue no dia 30 de Setembro de 2013. Como tal, não vou abordar todos os aspectos referidos no meu trabalho nem tão-pouco todas as novidades e conclusões a que cheguei. Espero, num futuro próximo, partilhar convosco toda a informação reunida.

A primeira parte da apresentação será dedicada à construção da lenda de Nossa Senhora de Aires e ao desenvolvimento do seu culto. Num segundo ponto, serão referidos alguns ex-votos que integram o espólio votivo da Senhora de Aires e, por fim, na terceira parte abordarei algumas das características artísticas do Santuário em apreço.

2. A construção da lenda de Nossa Senhora de Aires

A fundação de um templo dedicado à Virgem é quase sempre, senão sempre, precedida pela narrativa de um acontecimento «mítico-imaginário», concebida a partir de um de dois modelos: a aparição da Virgem ou o achamento fortuito da imagem escultórica. É esta ocorrência que dita o princípio da lenda, conferindo à imagem e ao

¹ Esta comunicação foi realizada no âmbito do I Colóquio: *Conhecer a História* decorrido em Viana do Alentejo em Setembro de 2013. Os conteúdos apresentados versam sobre uma pequena parte do trabalho de Mestrado desenvolvido pela autora e com o título: *O Santuário de Nossa Senhora de Aires: arquitectura e devoção (1743-1792)*, apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



Figura 1: Santuário de Nossa Senhora de Aires, lápide composta por António Franco, 1690

lugar o estatuto Santo, e promove a criação de um conjunto de histórias tendentes à legitimação do poder milagreiro da Virgem e à divulgação eficaz do seu culto.

A primeira referência ao culto da Senhora de Aires foi difundida pela tradição oral e perpetuada na lápide, anunciadora do Milagre, constante no frontispício da porta principal da Igreja, escrita em latim pelo jesuíta António Franco no ano de 1690 e que diz o seguinte: *“Expulsos os mouros destas terras, quando um lavrador arava o seu campo encontrou a imagem que se vê no antigo altar. Oh feliz terra, mais fecunda que nenhuma outra! Um só rego, te deu mais do que ceara ou colheita alguma dará”* (Fig. 1).

Relativamente aos construtores da memória lendária de Nossa Senhora de Aires, eles foram Frei Agostinho de Santa Maria e as religiosas do Convento de Jesus de Viana do Alentejo. Frei Agostinho de Santa Maria na sua obra incontornável que é o Santuário Mariano, cujo tomo referente ao Santuário de Nossa Senhora de Aires foi publicado em 1718, refere o milagre da aparição da Virgem ao lavrador Martim Vaqueiro dizendo: *“havia naquele distrito uma herdade de um Lavrador rico, o qual tinha um curral, aonde recolhia os seus bois, no mesmo sítio, em que hoje se vê a Igreja. Ficava a casa do Lavrador distante como cousa de cem passos, & tinha esta herdade o nome de Vaqueiros. Repararam em algumas noites os criados do Lavrador, em que deixando fechada a porta do curral, viam os bois de noite pastando na herdade, & pela manhã os achavam recolhidos, & a porta do curral fechada, sem poderem saber quem fosse, o que lhes fazia esta que tinham por travessura. Fizeram queixa ao seu amo, que se resolveu a ir dormir uma noite junto à porta do curral, para saber quem obrava estas cousas. Nesta noite lhe apareceu Nossa Senhora em sonhos, & lhe disse, que ela era a que abria a porta, & soltava os bois, para irem a pastar sem fazerem dano às searas: que lhe fizesse naquele sitio uma Casa, porque era vontade de Deus, que nela fosse louvada, & seu Santíssimo Filho, & que ela o ajudaria.”* (SANTA MARIA; 1718, P. 286).

A inscrição composta pelo jesuíta António Franco é omissa quanto à identificação do lavrador que encontrou a escultura de Nossa Senhora de Aires enquanto arava o campo, foi precisamente Frei Agostinho o primeiro a identificar o lavrador com o nobre Martim Vaqueiro, transcrevendo a suposta lápide que pavimentava o presbitério da primitiva capela-mor, substituída pela actual no ano de 1743, e que dizia o seguinte: *“Esta capela, & sepultura é de Martim Vaqueiro, Fundador desta casa, da nobre, & antiga geração dos Vaqueiros”* (SANTA MARIA; 1718, pp. 289-290).

Todavia, as religiosas do Convento de Jesus de Viana do Alentejo, nas suas memórias escritas em 1744, mantêm-se fiéis à primeira versão difundida pela tradição oral e firmada na lápide de António Franco, quando ao referirem-se à lenda da Virgem de Aires defendem que: *“Aludindo á ditosa invenção da soberana imagem da Senhora, que o céu fez a Martim Vaqueiro, de antiga, e nobre família desta vila, e que foi o fundador desta casa, e primeira igreja; como consta da inscrição que esta na sua sepultura, na capela maior da mesma; o qual andando lavrando exercício sempre útil e então honroso, e que facilitava a singeleza daqueles tempos [...] abrindo o arado aquele ditoso campo, descobriu o riquíssimo tesouro, que ali tinha escondido a piedade, e devoção dos monges de Arem”* (ANTT, MBJVA, lv. 1, fls. 3v-4).

Esta nota espelha o peso exercido pela tradição oral junto das populações rurais, ao eger o relato do achamento da imagem escultórica, escondida no sítio onde hoje se ergue o Santuário pelos monges de Arem durante a fuga aos mouros, em detrimento da Aparição da Virgem contado por Frei Agostinho de Santa Maria.

Segundo ao autor do *Santuário Mariano*, durante a aparição da Senhora de Aires ao rico lavrador Martim Vaqueiro, Esta pediu-lhe que se edificasse naquele local um templo dedicado ao seu nome. No seguimento do pedido deu: *“principio o Lavrador à obra em um sítio, que ficava distante do curral, julgando-o por mais oportuno: porém a Senhora que havia elegido o do seu aparecimento, dispôs, que tudo o que se havia obrado no primeiro dia, se achasse desfeito no segundo, & continuando a edificação em o segundo, & terceiro em a mesma paragem, lhe sucedeu o mesmo, que na primeira vez. Com que desistindo do seu parecer, se resolveu em edificar a Igreja no mesmo lugar, em que a Senhora lhe havia aparecido. E fez-se em tal forma, que a capela-mor se fabricou no mesmo Lugar, aonde estava a porta do curral”* (SANTA MARIA; 1718, pp. 286-287).

O primitivo templo, construído na segunda metade do século XVI, era constituído por tecto em abóbada todo pintado e paredes integralmente forradas a azulejo. A sacristia era composta também por tecto de abóbada e o exterior, em redor da ermida, pavimentado por um tabuleiro de ladrilho (SANTA MARIA; 1718, p. 287). No interior encontravam-se três altares de talha dourada, um mor e dois colaterais. O altar-mor expunha a imagem de Nossa Senhora de Aires “recolhida em um tabernáculo de vidraças, & com muita veneração” (IDEM; 1718, p. 287).

Os três altares de talha dourada foram dourados pelos pintores Manuel da Maia e Bernardo Luís Pinto no ano de 1711. Estes dois pintores-douradores – a par de José Correia, Francisco Ferreira e Filipe de Santiago – estiveram também envolvidos no douramento e estofamento do retábulo-mor da Igreja da Misericórdia de Évora, executado em 1728 (SERRÃO; 1992, pp. 805-806).



Figura 2: Santuário de Nossa Senhora de Aires, inscrição fúnebre romana. **Legenda:** D.M.S. / MARIA EUPREPIA / A QUA IFATE / CONCESSERU- / NT VIVERE A-/ NIS XXXV BEN-/ E MERENTI MO-/ DESTUS CONJUCI / SUA POSSUIT (Memoria consagrada aos deuses dos defuntos. Modesto fez este sepulcro a sua mulher Maria Euprepia a qual pelo merecer concederam viver os fados 35 anos)

Em 1743, ano em que se iniciaram as obras do novo Santuário de Nossa Senhora de Aires, precisamente no dia 6 de Julho, foram encontradas duas lápides romanas, hoje conservadas na cerca do Santuário (Fig. 2).

A inclusão destes dois vestígios romanos numa construção cristã atesta o respeito pelos antepassados, que anteriormente haveriam ocupado o local. Alguns

autores consideram que o nome Aires poderá estar associado ao Deus grego Ares ou à Vila romana de Ares. É um assunto que deixamos por hoje em suspenso.

Não obstante alguns documentos do século XVIII referirem que o culto à Senhora de Aires é anterior à ocupação árabe na península, a verdade é que a sua escultura foi lavrada nos finais do século XV inícios do século XVI e o culto somente iniciado na segunda metade do século XVI (SEIXAS; 2013, pp. 23-26). Ainda assim, decorridos cerca de setenta anos do início do culto, o Santuário vianense era já bastante afamado, como nos relata Frei Agostinho de Santa Maria, ao referir que: “é esta Casa de grande

veneração, e concurso, porque da maior parte do Alentejo concorrem os povos a celebrar as suas Festas, a pagar os seus votos, e a ter suas Novenas, e há dias em que se juntam naquele sítio mais de doze mil almas” (SANTA MARIA; 1718, p. 286). Embora o número tenha sido ampliado pelo autor, numa tentativa de impressionar os leitores e empolar o culto, não deixa de ser um dado bastante revelador do sucesso do culto, visitado já por muito peregrinos nos inícios do século XVIII. Motivo que justificou tanto a construção de cinco casas de romagem “que são poucas para muita gente que no verão concorre do todo o Alentejo” como a edificação do novo templo em 1743 (SANTA MARIA; 1718, p. 287).

Sucesso continuado pelo século XVIII dentro, conforme noticia o reitor da Matriz de Viana do Alentejo na resposta às Memórias Paroquias de 1758. Segundo o próprio, os meses de maior afluência centravam-se no Estio, sendo “quase contínuas as romagens que se fazem à mesma Senhora”. As romarias eram organizadas pelas confrarias de várias localidades, tanto do Baixo como do Alto Alentejo sendo: “a da vila de Alcácer do Sal, pelo Espírito Santo = A dos pastores em dia de São Bartolomeu = A da vila de Torrão em dia incerto = a desta vila de Viana no dia oito de Setembro = A da aldeia da Cuba no dia nove do dito mês = A dos tendeiros na Sexta-feira da terceira semana de Setembro = A da cidade de Beja no Sábado imediato = A da cidade de Évora no quarto domingo de Setembro [...] a confraria de Montemor-o-Novo, na Segunda-feira imediata = As de vila de Frades, e da Vidigueira, vão em Outubro mas em dia incerto = A da vila de Alvito vai no Domingo da Trindade” (Memórias Paroquiais; 1758, p. 9)

Durante a visita ao Santuário o peregrino depositava o ex-voto, um dos testemunhos mais expressivos da fé, em honra da Padroeira. A ligação espiritual entre o crente e a Virgem Milagrosa motivou os inúmeros pedidos de intercessão, solicitados nos momentos de maior aflição. Perante uma provação o fiel deslocava-se à casa terrena da Virgem tanto para suplicar como para agradecer o auxílio prestado. Estas deslocações são apelidadas por *peregrinações de imploração* (PENTEADO; 1998, p. 173). Através da resposta às Memórias Paroquias conseguimos perceber que já em 1758 as paredes do templo estavam todas forradas com inúmeras pinturas, ceras e tantos outros objectos, tal como sucede nos dias de hoje. O reitor da matriz diz-nos que a “igreja [era] tão visitada de romeiros que apenas se passa dia se algum se passa em que não vão muitas pessoas a encomendar-se à Senhora, e a render-lhe as graças

dos continuados milagres, e prodígios, que sempre está fazendo os católicos, dos quais muitos perduram nas felizes paredes daquele templo Augusto, os troféus da sua devoção, e as bandeiras do seu agradecimento” (Memórias Paroquias; 1758, p. 9).



Figura 3: Santuário de Nossa Senhora de Aires, tábua votiva, 1735

A tábua mais antiga depositada no Santuário de Nossa Senhora de Aires data de 1735 e representa em simultâneo oito cenas de dossel em madeira de torcidos, onde estão deitados os doentes: Simão Esparteiro e os seus nove filhos (Fig. 3). O pai, representado na primeira cena, é acompanhado por um frade franciscano. Na quinta cena encontra-se um dos filhos a receber reconforto de um padre oratoriano e na quarta e sexta cena dois filhos partilham a mesma cama. À direita, no canto superior encontra-se a imagem de Nossa Senhora de Aires e no inferior a seguinte legenda: *“Mercê que fez N. Sra. d’Aires a Simão de Matos Esparteiro e a seus filhos estando todos muito mal de uma malina e desconfiados dos médicos se apegaram com a Sra. e lhes deu saúde no mês de Junho de 1735, cidade de Évora”*.

O tema dominante dos ex-votos pintados que integram o espólio votivo do Santuário vianense é a saúde. Por este motivo, a maioria das pinturas trata a cena do milagre no interior de quartos, com o enfermo acamado e rodeado pelos familiares



Figura 4: Santuário de Nossa Senhora de Aires, tábua votiva, século XIX

que rogam pela intercessão da Senhora de Aires, regra geral, representada em cima de nuvens ou rodeado por elas. As nuvens servem para demarcar a fronteira entre a dimensão terrestre e a dimensão sagrada.

Todavia, algumas tábuas representam cenas campestres onde se figura populares a rogarem o auxílio à Senhora.

Na figura 4 está representada a cena de um milagre concedido pela Senhora de Aires a Joaquina Vicenta, conforme podemos constatar pela legenda que acompanha a tábua votiva: *“Milagre que fez N. Sra. D’Aires a Joaquina Vicenta estando gravemente enferma por lhe ter passado uma carreta por cima de que ficou com uma costela e braço quebrados vendo-se desenganada dos facultativos seu marido e filhos recorreram ao patrocínio da Senhora que foi servida e deu-lhe melhoras”*.

3. O edifício arquitectónico: algumas notas histórico-artísticas



Figura 5: Santuário de Nossa Senhora de Aires, 1743-1792

O autor do projecto do novo Santuário foi o padre João Baptista da Congregação do Oratório de São Filipe de Néri de Estremoz. A Congregação do Oratório ao emergir no período da Contra-Reforma foi dominada pelo clima de exaltação mariana, dedicando-

lhe, por isso, os seus irmãos especial apreço.

Naturalmente que a piedade mariana

inflamou o espírito de João Baptista, que fez do Santuário de Nossa Senhora de Aires o símbolo visual e espiritual da Virgem.



Figura 6: Santuário de Nossa Senhora de Aires, baldaquino, João de Almeida Negrão, 1758

Um dos elementos mais marcantes do Santuário é o baldaquino de talha dourada, lavrado em 1757 pelo entalhador eborense João de Almeida Negrão (SEIXAS; 2013, pp. 87-88). Em Portugal, se excluirmos os baldaquinos de pequenas dimensões embutidos nos retábulos e os modelos efémeros, constatamos que esta estrutura não teve grande expressão nos interiores dos templos. Razão que torna Nossa Senhora de Aires um caso de excepção, igualado apenas pelo baldaquino joanino do Mosteiro de São Vicente de Fora em Lisboa.



Figuras 7, 8, 9 e 10: Santuário de Nossa Senhora de Aires, São Mateus, São Marcos, São João e São Lucas, escultor João Baptista, c. 1750

No interior do Santuário festeja-se, acima de tudo, a Glória Divina. Os Evangelistas, dispostos em torno da Padroeira, convergem para o centro e reafirmam a mensagem evangelizadora. O oratoriano desenvolve em torno do templo centralizado da capela-mor toda uma poética expressiva das verdades da fé e afirmativa do papel incontornável de Maria no Milagre da Salvação. Os quatro Evangelistas (figs. 7 a 10), dispostos nas quatro peanhas que circundam a capela-mor e o baldaquino, são os proclamadores do Evangelho, os anunciantes da Salvação da Humanidade, da Morte e Ressurreição de Cristo e ainda os relatores da vida de Maria e do milagre da Imaculada Conceição. Por outro lado, os animais que acompanham os Evangelistas simbolizam o próprio Jesus Cristo: o homem de São Mateus aponta para a Encarnação; o touro de São Lucas, vítima da antiga Lei, alude à Paixão; o leão de São Marcos simboliza a Ressurreição, porque dorme de olhos abertos numa alusão à morte aparente de Cristo no túmulo; a águia de São João remete-nos para a Ascensão, Cristo eleva-se para o céu tal como a águia voa em direcção ao sol. Assim, Jesus Cristo foi homem na nascença, touro na morte, leão na Ressurreição e águia na Ascensão (RÉAU; 1986, p. 45; BRAUN; 2003, pp. 92-93).

As características gerais da arquitectura do Santuário de Nossa Senhora de Aires acusam algumas proximidades com a grande obra do século XVIII português – o Real Convento de Mafra da autoria do arquitecto de D. João V, Frederico Ludovice. No Alentejo a estética barroca de Mafra e de Ludovice é declarada, pela primeira vez, na nova capela-mor da Sé de Évora, patrocinada pelo monarca D. João V. Em 1716,

durante uma viagem a Vila Viçosa, o *Magnânimo* ao passar por Évora e após ter sido informado das intenções do cabido em renovar e ampliar a antiga capela-mor gótica, mostrou interesse em ver a planta do projecto e depois de a observar prontificou-se a financiar a obra com cerca de meio milhão de cruzados desde que: *“o Senhor cónego lhe levasse a planta da Capela-mor quando se recolhesse a Corte, para mandar fazer outra por melhor artificie, por não ser do seu agrado as plantas que o Reverendo Cabido tem”* (ASE, *Livro de Acórdão do Cabido*, Lv. 008, fls. 28v). A escolha do monarca para a excussão do novo projecto recaiu, naturalmente, em João Frederico Ludovice, o grande arquitecto de Mafra.

A capela-mor do Santuário de Nossa Senhora de Aires espelha uma forte proximidade com a capela-mor da Sé de Évora, nomeadamente na utilização exclusiva das colunas de ordem compósita enquanto elementos unificadores do espaço, na manipulação da luz e na potencialidade expressiva dos mármore, com predomínio da tonalidade verde.



Figura 11: Santuário de Nossa Senhora de Aires, «volutas-contrafortes do zimbório, iniciado em 1745



Figura 12: Veneza, Santa Maria de la Sallute, Baldassare Longhena, iniciada em 1631

No exterior o zimbório também reflecte a influência directa do Real Convento de Mafra e, por conseguinte, a passagem de Ludovice por Évora. Todavia, e embora seja evidente a influência de Mafra, o grandioso zimbório de

Viana do Alentejo, mais concretamente as «volutas-contrafortes», aproxima-se da

proposta de Baldassarre Longhena (1598-1682) para a igreja veneziana de Santa Maria della Salute (Figs. 11 e 12).

Por um conjunto variado de razões, o Santuário de Nossa Senhora de Aires simboliza um dos grandes monumentos barrocos regionais, que melhor documenta as tendências da arquitectura provincial alentejana, razão pela qual consta em todos os grandes manuais da História da Arte nacional.

4. Fontes e Bibliografia

Fontes manuscritas e impressas

ANTT,

Mosteiro do Bom Jesus de Viana do Alentejo, Lv. 8

ASE,

Livros de Acórdãos do Cabido (1714-1744), PT/ASE/CSE/C/002/Lv.008

Memórias Paroquiais, Memória Paroquial da freguesia de Viana do Alentejo, comarca de Évora, vol. 39, nº 150, fls. 891-910, disponível em: http://portugal1758.di.uevora.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=3420:viana-do-alentejo-viana-do-alentejo&catid=78:viana-do-alentejo&Itemid=58
[transcrito por Fátima Farrica]

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de,

Santuário Mariano E Historia da Imagens milagrosas de N. Senhora E das milagrosamente aparecidas, que se venerão em o Arcebispado de Evora, & nos Bispados do Algarve, & Elvas seus suffraganeos, Tomo Sexto, Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galrao, 1718

Bibliografia

BRAUN, Suzanne,

“Le symbolisme du bestiaire medieval sculpté”, *Dossier de l’Art*, nº 103, 2003

ESPANCA, Túlio,

Inventário Artístico de Portugal: distrito de Évora, vol. IX, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1978

PENTEADO, Pedro,
Peregrinos da Memória. O Santuário de Nossa Senhora da Nazaré 1600-1785,
Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica
Portuguesa, 1998

PEREIRA, José Fernandes,
Arquitectura Barroca em Portugal, 2ª ed., Lisboa, Biblioteca Breve, 1992

PEREIRA, José Fernandes (dir.); PEREIRA, Paulo (coord.),
Dicionário da Arte Barroca em Portugal, 1ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1989

RÉAU, Louis,
Iconographie de l'art chrétien, vol. II, Paris, Presses Universitaires de France, 1957

SEIXAS, Raquel Alexandra,
O Santuário de Nossa Senhora de Aires: arquitectura e devoção (1743-1792),
dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa, Setembro de 2013

VARELA GOMES, Paulo,
A cultura arquitectónica e artística em Portugal no século XVIII, Lisboa, Editorial
Caminho, 1988.